

# SENHORAS E SENHORES, APROXIMEM-SE! BEM-VINDOS AO MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA!

**Angelo Brigato Ésther<sup>1</sup>**

KOUTSOUKOS, Sandra S. M. (2020). *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas: Unicamp, 2020.

Estamos vivendo um período de pandemia que, dentre outras consequências, tem evidenciado o enorme nível de desigualdade social e econômica vigente no País, cujas origens remontam ao período colonial, especialmente no que diz respeito à questão racial. O livro desnuda o racismo científico na era do imperialismo, quando os países colonizadores se empenhavam em demonstrar suas conquistas em (e de) outros territórios, alegando levar a “civilização” a povos primitivos. Uma dessas práticas era a exibição de gente no que se convencionou chamar de “zoológicos humanos”. Escrito por Sandra Sofia Machado Koutsoukos, que é graduada em Belas-Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Artes e Doutora em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, o livro é resultado do pós-doutorado em Multimeios realizado também na Unicamp.

---

<sup>1</sup> Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://lattes.cnpq.br/1831223995652576>. <https://orcid.org/0000-0001-9084-3746>. [angelo.esther@ufjf.edu.br](mailto:angelo.esther@ufjf.edu.br). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Administração, Campus Universitário Martelos, Juiz de Fora, MG, Brasil. CEP: 36036-330. Telefone: (55 32) 21023521.

A coleção Históri@ Ilustrada, que abriga o livro, tem como projeto ser um material multimídia, na medida em que, no decorrer do texto, o leitor tem acesso a vídeos e áudios por meio de QR Code, cujo objetivo é servir de apoio em salas de aula e outros fóruns de discussão, segundo a própria editora. De fato, todos os códigos estão ativos e remetem o leitor ao que a autora discute naquele momento. Tal recurso tem um impacto singular na obra, prendendo a atenção do leitor e o estimulando a buscar mais sobre o tema. Em outras palavras, a autora não apenas “conta” as histórias. Elas analisa, destrincha e demonstra o que está oculto, subjacente e por trás das histórias. O uso de 225 fotografias, 18 vídeos e 2 fonogramas exerce uma força de atração da qual o leitor não tem como fugir. Ao contrário, as imagens contêm alto poder demonstrativo, por vezes “falando” mais que mil palavras, como se diz no dito popular, embora a autora faça sua própria análise daquilo que vemos, ajudando-nos a perceber detalhes e sutilezas do que está em jogo. Seu objetivo declarado é, também, alcançar um público mais amplo, para além da comunidade acadêmica, algo expresso pela própria autora em uma live em que apresenta o livro juntamente com a Professora Iara Lis Schiavinatto, sua supervisora do pós-doutoramento. A autora parece conversar com seu leitor, por meio de uma linguagem clara, sem rebuscamentos, porém fortemente ancorada em uma ampla pesquisa bibliográfica e documental realizada com rigor metodológico.

O livro é estruturado em cinco capítulos e um epílogo, além do prólogo, no qual deixa claro que todas as categorias exploradas em exposições, ou seja, pessoas oriundas de povos africanos, asiáticos e indígenas, ao lado das então chamadas “aberrações”, representam expressões do racismo científico. A exibição dessas pessoas se constituiu numa estratégia muito bem sucedida de criar e dar crédito à ideia da inferioridade racial e, portanto, de uma suposta hierarquia entre os humanos.

O primeiro capítulo, intitulado “Entretenimento ou objeto de estudo”, descreve e analisa os espetáculos de exibição das “aberrações humanas”, ou seja, pessoas que

possuíam deformações físicas, certas patologias pouco conhecidas ou raras, ou características muito singulares, como, por exemplo, anões, gigantes, pessoas com hipertricose, vitiligo, albinismo, pessoas com três pernas, gêmeos xifópagos, dentre outras, bem como “variedades” e grupos humanos “diferentes”, como povos africanos. Embora a prática de exibição de pessoas diferentes fosse comum há séculos, é no século XIX que se tornou uma espécie de show business, especialmente a partir de 1840, em Nova York, por meio de *sideshow*s e *freakshows* que acompanhavam os grandes circos – dentre eles o de Phineas Taylor Barnum, personagem cuja biografia é contada de forma controversa no filme *The greatest showman*, de 2017. No livro, a autora relata o caso de um afro-americano portador de microcefalia, cuja exibição era precedida de um discurso (e de propaganda) em que ele era apresentado como uma raça recém-descoberta pelos cientistas que configuraria o “elo perdido” entre os negros africanos e os símios. Tudo isso é intensificado, sobretudo, com a invenção da fotografia (daguerreotipo, à época), sua crescente viabilidade financeira e a possibilidade de impressão em papel (na década de 1850), na medida em que era possível, desse modo, publicar cartões de visita, cartazes e souvenirs para os visitantes. A autora apresenta três casos emblemáticos para discutir seus argumentos: a sul-africana Sarah Baartman, apresentada ao público como a vênus negra; a da norte-americana conhecida como Mme. Abomah, apresentada como a gigante virgem; e das gêmeas xifópagas brasileiras, Maria Pinheiro Dável e Rosalina Pinheiro Dável. Considerando que aqueles espetáculos atraíam a atenção e o interesse de cientistas, que mediam, fotografavam e analisavam as “aberrações”, inclusive após sua morte, a discussão da autora gira em torno da relação entre estudo e entretenimento, envolvendo especialmente aspectos ditos científicos e éticos.

O segundo capítulo, “Homens com elefantíase, 1865”, aborda a perspectiva médica para aquelas “aberrações” e sua exibição nas academias, particularmente daquelas pessoas portadoras da chamada “elefantíase”, a partir das imagens realizadas por um fotógrafo português que residia no Rio de Janeiro, Christiano Júnior, que se

especializou em fotografar modelos negros entre escravizados e libertos, criando uma coleção sobre os vários “tipos de pretos”, a qual vendia não apenas como curiosidade ou para colecionadores, mas também como forma de representar a escravidão no Brasil. Após analisar casos de elefantíase diversos, a autora se debruça a esmiuçar o caso de Joseph Merrick (1862-1890), que se tornou personagem célebre do filme “O homem elefante” (The elephant man), de David Lynch, em 1980. Novamente, como em todo o decorrer do livro, pois é um dos seus objetivos, a autora analisa os limites entre a ética médica, os interesses pessoais e o avanço real da ciência.

No terceiro capítulo, “Botocudos do Brasil, 1882”, Sandra Koutsoukos aborda o trato dos indígenas no Brasil, especialmente o caso dos botocudos, os quais foram fotografados e estudados dentro dos preceitos do que se chama “antropologia física”, também conhecida posteriormente como “ciência da raça”, mas que nada mais era do que uma forma preconceituosa de lidar com a diferença e estabelecer uma narrativa ou discurso validado por cientistas renomados, inclusive com o apoio e financiamento de grandes universidades. Um dos principais aspectos apontados pela autora no caso dos botocudos é o uso da fotografia como prova do real, tanto da ciência quanto do colonialismo, na medida em que o positivismo dominante no campo científico requeria objetividade e fidedignidade, algo proporcionado pela fotografia, pelo menos no nível do discurso. Para além disso, a análise das imagens fotográficas desvela a ambiguidade de suas intenções científicas, demonstrando elementos racistas e sugerindo práticas duvidosas por parte dos envolvidos à época.

“Daomeanos em Chicago, 1893” é o título do capítulo quatro, no qual é analisado o caso das chamadas “exposições universais”. Aqui, a autora mostra a antropologia como espetáculo, ligada ao racismo e ao imperialismo. É analisada a exposição de Chicago, realizada em 1893, cuja duração em meses é, por si só, motivo de surpresa e, ao mesmo tempo, prova do investimento realizado em criar um imaginário em que o colonialismo é exaltado em todas as suas “virtudes” e o colonizado é exposto como

diferente, curioso, exótico, mas, sobretudo, não civilizado, como selvagem, como primitivo e, por isso, a colonização seria uma forma de salvar e de civilizar tais povos. A exposição de um grupo de daomeanos – juntamente com outros povos originários do continente africano – é o ponto central, na medida em que foram expostos, visitados, fotografados e estudados (inclusive após a morte), divulgando-se a falsa informação (mentira ou *fake news*, nos termos da moda atualmente) de que eram selvagens canibais ou que faziam sacrifícios humanos, como estratégia de atração do público que pagava para visitar a exposição. Tal como no caso dos botocudos, a exibição trazia o discurso do respeito pelos grupos e suas culturas, mas o intuito era, sem dúvida, legitimar as teorias racistas já existentes em fins do século XVIII e acentuadas no XIX.

No quinto capítulo, “Ota Benga em St. Louis, 1904”, a exposição universal na referida cidade estadunidense é discutida tal como no capítulo anterior, em seu papel de continuar legitimando teorias racistas. No entanto, o caso do povo congolês é o ponto principal, na medida em que a autora mostra como as diversas exposições universais serviam aos propósitos de Leopoldo II, rei da Bélgica, de mostrar sua ação civilizatória e, com isso, atrair investidores e comerciantes. Como se sabe, o rei belga promoveu enorme chacina no Congo durante décadas para garantir a extração da borracha necessária aos interesses econômicos do país. Ota Benga é um caso particular esmiuçado pela autora, que mostra a toda a trajetória desse congolês, sobrevivente de um massacre, cujos dentes eram serrados e limados como prova de bravura (informação omitida mas explorada como algo selvagem), e que foi levado para a exposição de 1904 e apresentado como o “elo perdido” entre o homem e o macaco, algo evidenciado por meio de uma fotografia em que Ota segura um chimpanzé. Vale ressaltar aqui a informação da autora de que o Departamento de Antropologia Física dessa exposição foi o maior de todas, na medida em que construíram laboratórios para experimentos diversos, bem como tiveram apoio de cientistas de universidades e museus do país, tais como Frederic Putnam, Franz Boas e Frederick Starr, que já haviam participado da exposição de Chicago.

Por fim, o epílogo, cujo título “Favor não alimentar os humanos”, traz as conclusões e considerações finais da autora, que propositalmente deixo a cargo do leitor que se interessar pelo livro.

Conforme dito anteriormente, todos os argumentos da autora estão sustentados em farto material bibliográfico e documental e, sobretudo, fotográfico. Especialista que é nesse campo, Sandra Koutsoukos foi capaz de ilustrar de forma muito competente seus argumentos, parte dos quais, inclusive, partem das próprias fotografias. Também é digno de nota que a autora não apenas estabelece uma linguagem acessível a um amplo público, mas toma posição em diversos momentos acerca do que escreve. Tal atitude é, por vezes difícil de ser aceita pela comunidade acadêmica, mas a autora consegue manter equilíbrio entre aquelas posturas de envolvimento e de distanciamento do ponto de vista epistemológico.

A dicotomia civilizado/selvagem é a base do colonialismo, cujas intenções comerciais e econômicas precisavam ser justificadas por meio de um discurso e de uma narrativa que legitimassem as práticas de exploração predatórias e racistas. É nesse contexto que a exibição de gente, seja junto a circos, seja por meio das exposições universais contribuiu para tal legitimação social. Nesse sentido, o livro suscita pensarmos nos possíveis desdobramentos e questões que vemos nos dias de hoje. Em particular, poderíamos destacar, dentre outros:

1. A exibição de aberrações partia do pressuposto da existência de uma normalidade, de um padrão cujo desvio tornaria a pessoa um ser exótico, uma “aberração”. Para além da questão moral envolvida e da condição biológica ou genética, o conceito de “normal” da época parece ainda estar presente atualmente em larga medida, sobretudo em termos de normas e padrões de comportamento, formas de se apresentar, de se vestir, e assim por diante, a despeito dos avanços conceituais nesse campo.

2. A espetacularização da diferença assumiu formas contemporâneas igualmente questionáveis, como, por exemplo, o chamado “turismo em favela” ou “pro-poor tourism”. Ainda que a prática possa ter intenções legítimas e trazer benefícios imediatos aos envolvidos, ou promover maior “conscientização” dos turistas para a questão da pobreza, é difícil imaginar que tal prática poderia reverter as condições de desigualdade no contexto capitalista neoliberal, inclusive no Brasil. De todo modo, a prática está presente e é, sem dúvida, polêmica.

3. Numa escala mais ampla, podemos levar em conta a ideia da “sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, em que a interdependência entre o processo de acumulação de capital e o processo de acúmulo de imagens serve como meio de explorar a mercantilização de tudo por meio de imagens; ou a própria noção de indústria cultural de Adorno e Horkheimer, que associam a interdependência entre indústria e a cultura, em que a padronização de determinado objeto, como em filmes cinematográficos, por exemplo, acaba por reproduzir imagens e representações estereotipadas. Nesse sentido, estratégias organizacionais, sejam de marketing, de recursos humanos, podem ser objeto de reflexão enquanto formas contemporâneas de reprodução de concepções preconceituosas, racistas ou, no mínimo, questionáveis do ponto de vista moral e ético.

4. A ressurgência de movimentos supremacistas brancos, neonazistas e neofascistas, por vezes apoiados num negacionismo infundado, que têm alarmado o mundo com a mera lembrança do que eles representam em termos não apenas ideológicos, mas, sobretudo, por conta de suas práticas de perseguição e de condutas violentas em nome do reestabelecimento de uma suposta ordem que deveria ser alcançada.

O livro merece ser lido em cada linha, ouvido em cada áudio e visto em cada cena. É muito rico em informação e detalhes, oferecendo uma análise devidamente

argumentada, de difícil refutação, embora possa conter alguma polêmica aqui ou ali, algo salutar na busca do conhecimento e no debate científicos.

Retomando as palavras iniciais de Sandra Koutsoukos, logo na página 11, no prólogo: Este é um livro de histórias. Elas não me pertencem nem são contos nunca antes ouvidos, mas resolvi (re)contá-las assim mesmo. Sábia decisão, belas escolhas. Ilustra admiravelmente bem uma fase recente (e deplorável) da História do colonialismo e do imperialismo, cujas repercussões e desdobramentos sentimos e percebemos nos dias de hoje, no contexto atual não apenas pandêmico, mas, sobretudo, de certa preeminência de pensamento único e de boa dose de negacionismo, que só têm contribuído para perpetuar o racismo, a intolerância às diferenças, as desigualdades e para continuarmos a aceitar certa postura neocolonialista. Por fim, a própria autora define com clareza e precisão sobre porque ela abordou esse tema e o transformou em um livro (p. 31): Para que não nos esqueçamos! E para que pensemos sobre a origem do pensamento racista e das políticas de exclusão e de extermínio.



**SENHORAS E SENHORES, APROXIMEM-SE!  
BEM-VINDOS AO MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA!**

**Resumo**

O livro desnuda o racismo científico na era do imperialismo, quando os países colonizadores se empenhavam em demonstrar suas conquistas em (e de) outros territórios, alegando levar a “civilização” a povos primitivos. Uma dessas práticas era a exibição de gente no que se convencionou chamar de “zoológicos humanos”. O livro é de grande interesse na medida em que ilustra admiravelmente bem uma fase recente (e deplorável) da História do colonialismo e do imperialismo, cujas repercussões e desdobramentos sentimos e percebemos nos dias de hoje, em que identificamos certa preeminência de pensamento único e de boa dose de negacionismo, que só têm contribuído para perpetuar o racismo, a intolerância às diferenças, as desigualdades e para continuarmos a aceitar certa postura neocolonialista, inclusive no interior das organizações.

**Palavras-chave**

Racismo. Zoológicos humanos. Imperialismo.

**DAMAS Y CABALLEROS, ¡REÚNANSE!**  
**¡BIENVENIDOS AL MAYOR ESPECTÁCULO DEL MUNDO!**

**Resumen**

El libro pone al descubierto el racismo científico en la época del imperialismo, cuando los países colonizadores se afanaban en demostrar sus logros en (y de) otros territorios, pretendiendo llevar la "civilización" a los pueblos primitivos. Una de estas prácticas era la exhibición de personas en lo que se denominaba "zoológicos humanos". El libro es de gran interés en la medida en que ilustra admirablemente bien una fase reciente (y deplorable) de la historia del colonialismo y del imperialismo, cuyas repercusiones y desdoblamientos sentimos y percibimos hoy, en la que identificamos una cierta preeminencia del pensamiento único y una buena dosis de negacionismo, que sólo han contribuido a perpetuar el racismo, la intolerancia a las diferencias, las desigualdades y a seguir aceptando una cierta postura neocolonialista, incluso en el seno de las organizaciones.

**Palabras clave**

Racismo. Los zoológicos humanos. El imperialismo.

**LADIES AND GENTLEMEN, GATHER AROUND!  
WELCOME TO THE GREATEST SHOW ON EARTH!**

**Abstract**

The book lays bare scientific racism in the age of imperialism, when colonizing countries strove to demonstrate their achievements in (and of) other territories, claiming to bring "civilization" to primitive peoples. One of these practices was the display of people in what were called "human zoos". The book is of great interest in that it illustrates admirably well a recent (and deplorable) phase in the history of colonialism and imperialism, whose repercussions and unfoldings we feel and perceive today, in which we identify a certain preeminence of single thought and a good dose of negationism, which have only contributed to perpetuate racism, intolerance to differences, inequalities, and to continue to accept a certain neocolonialist posture, even within organizations.

**Keywords**

Racism. Human zoos. Imperialism.

## **CONTRIBUIÇÃO**

### **Angelo Brigato Ésther**

O autor declara que realizou todas as etapas associadas ao texto, sendo o único responsável pela sua redação.

## **AGRADECIMENTOS**

-

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

O autor declara que a contribuição é inédita.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

O autor declara não haver conflito de interesses.

## **COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO**

Ésther, Ângelo B. (2020). Senhoras e senhores, aproximem-se! Bem vindos ao maior espetáculo da terra! *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(20), 978-989.